

Vale dos Sinos pára e espera

ÂNGELA CAPORAL

PORTO ALEGRE — O Vale dos Sinos, um dos maiores pólos produtores de calçados do País e responsável por mais de 70% das exportações brasileiras do setor, está vivendo um clima de ansiedade em consequência do impacto do Plano Collor.

O aumento das vendas no varejo nos últimos dias ainda não animou os lojistas, que se mantêm cautelosos. As encomendas às indústrias ocorrem em ritmo muito lento. Com os pedidos chegando em conta-gotas, muitas fábricas reduziram a produção, dando férias e licenças remuneradas aos empregados ou fazendo acordos para redução de jornada. Os exportadores também enfrentam problemas e temem o comprometimento da meta de aumentar em 15% as

vendas externas que, em 89, foram de US\$ 1,31 bilhão, se dentro de 15 dias não for resolvido o problema cambial.

"O vale está em compasso de espera", resume o vice-presidente para o mercado interno da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Horst Volk. Em busca de prazos e preços mais atraentes que possam ser oferecidos aos clientes, encorajando-os a comprar, as indústrias partiram para a negociação com a outra ponta, a dos fornecedores. "Estamos fazendo o possível para chegar a um acordo. Precisamos dar de 45 a 60 dias de prazo para o lojista e precisamos do mesmo prazo para nossas aquisições", afirma Volk.

A lentidão do ingresso de novas encomendas, aliada à queda de vendas verificada desde

outubro, está levando muitas empresas a colocar um freio na produção. Ainda não há demissões em massa, mas já existe o temor de que isso possa acontecer. "Se os pedidos não fluírem, não haverá outra saída", alerta Volk. Ele acredita, entretanto, que a situação deve melhorar no segundo semestre, quando se realizam as principais feiras para a comercialização da próxima coleção.

ACORDO

Reduzir a jornada de trabalho foi a solução encontrada pela Indústria de Calçados Sabry, de Farroupilha. Um acordo com seus cerca de 800 funcionários permitiu a redução da jornada de 220 para 180 horas mensais, num esquema de paralisação total por semana que vigorará até maio. O presidente da empresa, Antônio Rufatto, disse que os empregados aceitaram reduzir seu salário em 22%, com garantia do emprego.

A Sabry fabricava 17 mil pares de calçados infantis diariamente, volume que só será retomado gradativamente.

A Calçados Azaléia Ltda., com uma produção diária de 65 mil pares, parou por duas semanas. A empresa fez um corpo-a-corpo com os clientes, negociando prazos e evitando o cancelamento de pedidos. "A estratégia deu certo", diz o presidente, Nestor Herculano de Paula.

Os exportadores, porém, ainda não têm motivos para comemorar. "Os negócios que estavam mornos, esfriaram de vez", lamenta o vice-presidente da Abicalçados, Ernâni Reuter. A baixa cotação do dólar no câmbio flutuante não anima os exportadores a fechar negócios e os compradores estrangeiros não aceitam contratos com preço em aberto.